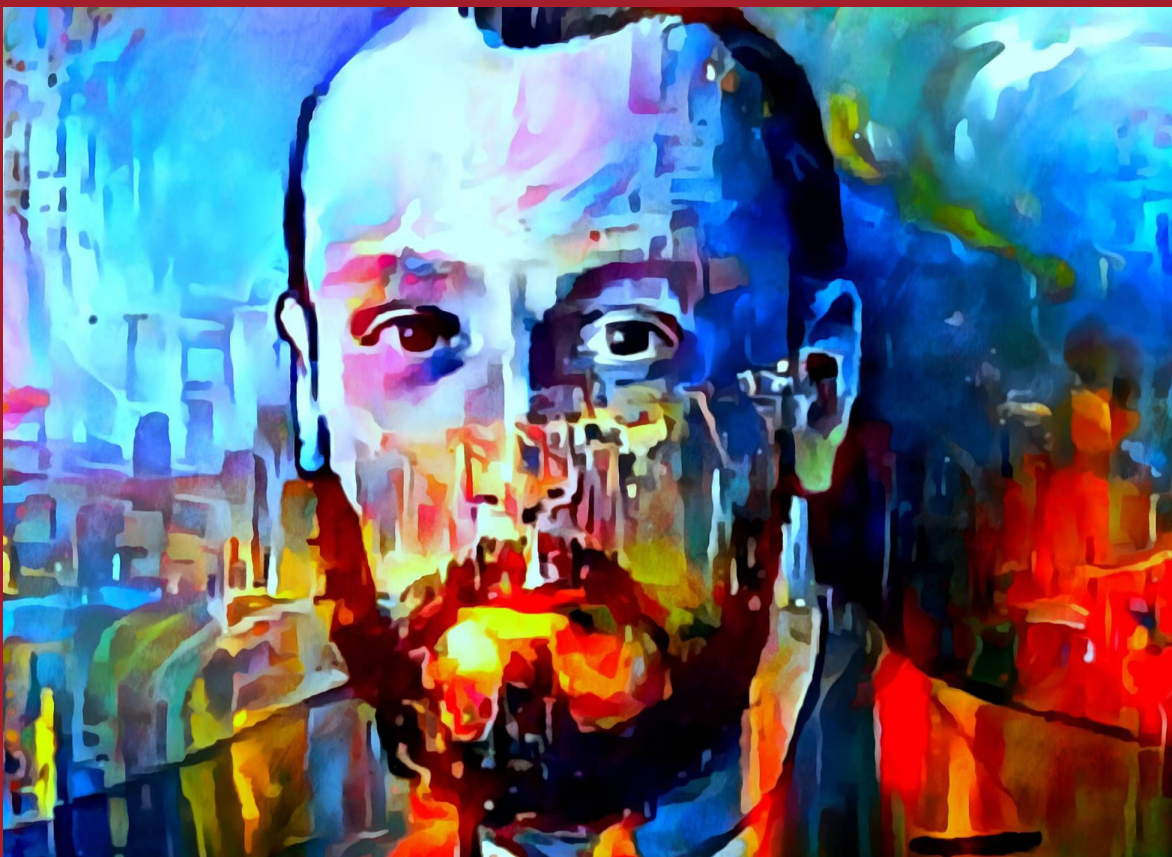


Coleção Estudos Bakhtinianos



CÍRCULO DE BAKHTIN

ALTERIDADE, DIÁLOGO E DIALÉTICA

CRISTIANO PASCHOAL
DÉBORA PORTO
DANIELA CARDOSO
GISELLE FETTER
GLÓRIA DI FANTI

LUCIANE MARTINS
MAÍRA GOMES
MÁRCIA VOGES
NORBERTO CATUCI
THOMAS ROCHA

(ORGS.)



Editora Polifonia

Todos os direitos desta edição reservados às autoras e aos autores.

Edição e diagramação

Débora Luciene Porto Boenavides

Revisão

Daniela Cardoso, Débora Luciene Porto Boenavides, Giselle Liana Fetter, Maíra da Silva Gomes, Márcia Cristina Neves Voges, Maria da Glória Corrêa di Fanti, Thomas Rocha e autores.

Texto revisado segundo o Novo Acordo da Língua Portuguesa,
ABNT NBR 10520/2002 e ABNT NBR 6023/2018.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C578 Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética
[livro eletrônico] / organizado por Cristiano
Paschoal... [et al.] - Dados eletrônicos.
- Porto Alegre: Polifonia, 2020.

399 p. ; 15X23cm. - ISBN: 978-65-87420-04-2
- Modo de acesso: Adobe Reader

1. Linguística I. Paschoal, Cristiano, org.

CDD 410

Bibliotecária Alexandra Naymayer Corso - CRB10/1099

O conteúdo e as opiniões expressos nos capítulos são de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

NOTAS SOBRE A ALTERIDADE EM BAKHTIN

Maria da Glória Corrêa di Fanti¹
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(PUCRS)

*Ser significa ser para o outro
e, através dele, para si.
BAKHTIN*

A questão da alteridade perpassa diferentes obras do Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, mas é nos escritos assinados por Bakhtin que a noção de alteridade parece ganhar maior corpo². Esta reflexão, ciente da abrangência do conceito, volta-se para uma breve discussão introdutória sobre a alteridade, entendendo-a como base de outros importantes conceitos, como dialo-gismo e dialética, que, no conjunto, subsidiam a proposta desta publicação.

1 Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Líder do Grupo GenTe - Tessitura: Vozes em (Dis)curso (CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Projeto nº. 307894/2017-7).  <https://orcid.org/0000-0002-5399-5377>

E-mail: gloria.difanti@pucrs.br

2 O Círculo de Bakhtin é formado por um grupo de intelectuais de diferentes formações, cujos principais integrantes da área da linguagem são Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédev, que se reuniam, na Rússia, para debater suas ideias, principalmente entre 1919 e 1929 (FARACO, 2009).

Em *Pour une philosophie de l'acte*, Bakhtine (2003) discute a relação indissociável entre o *eu* e o *outro*, considerando que cada um ocupa um lugar único, um centro de valor concreto, responsivo e responsável, o que institui uma alteridade constitutiva produtora de sentidos em determinadas condições sócio-históricas³. Esses centros de valores, a partir dos quais se instaura a arquitetura do mundo real do ato singular, se dispõem em relações tensas, porque um não coincide com o outro, ou ainda, cada um vê a si próprio e ao outro de uma perspectiva única, sempre renovada: “eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro”⁴. Todos os valores e as disposições espaço-temporais se organizam em torno do *eu* e do *outro* nas suas complexas inter-relações.

Ao considerar que o ser não tem álibi, o pensador russo atribui a ele a inteira responsabilidade por seus atos. Esse “*não-álibi no ser*”⁵, que marca a sua singularidade e insubstituibilidade, instaura um *eu* em relação comprometida com a sua existência e com a do *outro*: um “coenvolvimento concreto, relação não indiferente com a vida do próprio vizinho, do próprio contemporâneo, com o passado e o futuro de pessoas reais” (PONZIO, 2010, p. 26). O ato humano, nesse contexto, pressupõe uma atividade participativa, axiológica e dialógica do sujeito. Como se lê em *Hacia una filosofía del acto ético*: “Só um ato ético responsável é capaz de superar o hipotético, porque um ato responsável representa a realização de

3 Além da versão em francês, *Pour une philosophie de l'acte* (BAKHTINE, 2003), consultamos a versão em espanhol, *Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos* (BAJTIN, 1997a), ambas traduzidas do russo. Também consultamos a versão em português traduzida do italiano: *Para uma filosofia do ato responsável* (BAKHTIN, 2010). A obra, escrita entre 1920 e 1924, somente veio a público em 1986. Eram manuscritos marcados pelo tempo e pela falta de preservação dos originais, o que dificultou a recuperação de parte da obra.

4 No original: “moi-pour-moi, l'autre-pour-moi et moi-pour l'autre” (BAKHTINE, 2003, p. 85)

5 No original (grifos do autor): “*non-alibi dans l'être*” (BAKHTINE, 2003, p. 68). As citações utilizadas no texto manterão os grifos (itálico, negrito...) do original.

uma decisão, de um modo já irreversível, irremediável e irrecuperável [...]” (BAJTIN, 1997a, p. 37).⁶

Tais especificidades remetem às reflexões de Ponzio relativas ao termo *edinstvennji*, considerado termo-chave da obra de Bakhtin, que significa “singular, único, irrepetível, excepcional, incomparável”. Sua importância está na “singularidade, aberta a uma relação de alteridade consigo própria e com os outros, uma singularidade em ligação com a vida do universo inteiro, que inclui em sua finitude o sentido de infinito [...]” (PONZIO, 2010, p. 14).

A singularidade, desse modo, constitui-se pela dinamicidade constante, o que é próprio do ato ético responsável e responsivo. Nesse movimento, Bakhtine (2003, p. 18), ao interrogar a não comunicabilidade entre o mundo da cultura (abstração) e o mundo da vida, recupera o ato da experiência vivida de cada um, em associação a um Jano bifronte que olha, simultaneamente, em direções opostas: de um lado, para a unidade objetiva de um domínio cultural e, de outro, para a singularidade não reproduzível da vida experienciada. Com isso, Bakhtine (2003, p. 17) questiona visões excludentes, dicotômicas, do que deveria ser visto em relação constitutiva, e propõe que se entenda o ato em sua *totalidade* viva e concreta: “só este ato *no seu todo* é autenticamente *real*, participa do ser-evento”.⁷

O ato, desse modo, deve encontrar um plano único, a unidade de uma responsabilidade bilateral, para refratar nas duas direções: em seu sentido e em seu ser. É somente por essa via que pode ser superada a perniciosa separação e não interpenetração da cultura e da vida (BAKHTINE, 2003, p. 18-19). Apenas no evento único do ser, um ato singular, que essa unidade pode se constituir de

6 No original: “Sólo un acto ético responsable es capaz de superar lo hipotético, porque un acto responsable representa la realización de una decisión, de un modo ya irreversible, irremediable e irrecuperable [...]”.

7 No original: “Seul cet acte *dans son tout* est authentiquement *réel*, participe à l'être-événement [...]” (BAKHTINE, 2003, p. 17).

modo a emergir características de âmbito geral e de âmbito particular. Nessa dinâmica, as diferenças insurgem dialeticamente, sem exclusão, num permanente movimento de tensão e confronto, como mundo da cultura e mundo da vida, teoria e prática etc⁸. O ato “não deve se opor à teoria e ao pensamento, mas incluí-los como componentes necessários, integralmente responsáveis” (BAKHTINE, 2003, p. 87)⁹.

Essa concepção de ato, observada na linguagem, põe em destaque o enunciado concreto, um ato enunciativo, singular, que, não dispensando o reiterável da língua, constitui-se de modo irrepitível em uma dada situação. O enunciado, desse modo, forma-se na relação entre o *eu* e o *outro*, numa concorrência de discursos, vozes em circulação, que, num jogo de tons emotivo-volitivos, dá vida à palavra e revela um sujeito relacional e inacabado. O tom emotivo-volitivo, como explica Bakhtin (2010, p. 92), “penetra em tudo que é realmente vivido [...] e reflete a irrepitibilidade individual do momento dado do evento”, sinalizando “as raízes da responsabilidade ativa”. Logo, o tom emotivo-volitivo é um momento imprescindível do ato, que, não permitindo o isolamento do pensamento, integra-o no evento único do ser.

Para Bajtin (1997a, p. 9), “qualquer pensamento meu, com seu conteúdo, é meu ato ético [*POSTUPOK*] individual e responsável, é um dos atos éticos dos quais se compõe minha vida única”¹⁰, singular, que se concebe como um atuar ético permanente. A vida,

8 Já, em *Arte e responsabilidade*, publicação de 1919, Bakhtin (2003d, p. XXXIV) propõe a unidade da responsabilidade como superação da ruptura entre a arte e a vida: “arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade”.

9 No original: “[...] ne doit pas s’opposer lui-même à la théorie et à la pensée, mais les inclure en lui en tant que composantes nécessaires, intégralement responsables” (BAKHTINE, 2003, p. 87).

10 No original: “Cualquier pensamiento mío, con su contenido, es mi acto ético [*POSTUPOK*] individual y responsable, es uno de los actos éticos de los cuales se compone mi vida única [...]”.

desse modo, em sua totalidade, pode ser entendida como um tipo de ato ético complexo constituído por atos éticos: “eu ajo com toda minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (BAKHTIN, 2010, p. 44; BAJTIN, 1997a)¹¹. O pensamento, por conseguinte, como ato ético, forma um todo integral – pois inclui o geral e a historicidade concreta individual (tempo, espaço, condições etc.) – que é valorado como ato responsivo e responsável. Por isso, o *eu* (sempre na interação com o *outro*), que é responsável pelo ato do seu pensar, não pode encontrar a si mesmo em um juízo de validade universal, uma vez que o juízo teoricamente válido é impenetrável pela atividade individual e responsável.

Essa reflexão pode ser ilustrada pelo próprio Bakhtin (2010, p. 49) quando critica o mundo da tecnologia (no início da década de 1920!) que se volta à imanência e não se preocupa em compreender a finalidade cultural do seu desenvolvimento, o que acaba “contribuindo para piorar notavelmente as coisas em vez de melhorá-las”. Tal perspectiva, ao não considerar o *outro* em seu ato concreto, apresenta-se como um “mundo autônomo teórico, abstrato, alheio por princípio à historicidade viva singular” (p. 50). Essa abstração, designada como “aterrorizante”, pode irromper, repentinamente, na unidade singular da vida como uma força sinistra e devastadora. Tais apontamentos suscitam, por conseguinte, a discussão sobre a importância do pensamento *participativo*, que, de acordo com Bajtin (1997a, p. 15), deve considerar o ser como historicamente real e singular, que é maior e tem mais peso que o ser da ciência teórica: “essa diferença no peso, evidente para a percepção de uma consciência viva, não pode ser definida em categorias teóricas”¹².

11 Na versão do espanhol (BAJTIN, 1997a, p. 9), a parte final faz menção a “momento da minha vida como agir ético”.

12 No original: “[...] esta diferencia en el peso, evidente para la percepción de una conciencia viviente, no puede ser definida en categorías teóricas.”

Tal constatação remete à herança do racionalismo, que, ao sobrepor a verdade universal [*istina*] à verdade particular [*pravda*], exige que compreendamos o ato singular e ativo como aquele que pressupõe um conteúdo geral, mas em sua realização efetiva.

A verdade de um acontecimento não é uma verdade de conteúdo idêntico igual a si mesma [*istina*], mas a posição única e pensada de cada participante [*pravda*], a verdade de seu dever ser concreto e real (BAJTIN, 1997a, p. 53)¹³.

Na concretização do ato, emerge o tom emotivo-volitivo como uma reação ativa responsável em um contexto de uma vida real, em que a cultura se integra ao contexto geral e singular da vida do ser participante, no acontecimento único, irrepetível, que o abarca¹⁴.

A linguagem, historicamente, como observa Bakhtin (2010, p. 84-85), desenvolveu-se em função do pensamento participativo e do ato, apesar de posteriormente servir ao pensamento abstrato. A plenitude da palavra se dá na relação entre a significação (a palavra-conceito) e o tom emotivo-volitivo (a entonação da palavra), configurando a palavra plena e única. Nessa relação, embora o ato irrepetível e singular seja exprimível verbalmente, uma completa adequação está fora do alcance, ainda que essa adequação seja sempre buscada. Da mesma forma, um evento pode ser descrito de modo participante, todavia, na sua complexidade, “nenhum objeto, nem uma só relação se dá aqui como simplesmente dado, como simplesmente, totalmente, presente; é sempre dado junto com alguma coisa a ser feita, a ser alcançada [...]”, o que mostra a sua dinamicidade, o inacabamento constitutivo e o permanente

13 No original: “La verdad de un acontecimiento no es una verdad de contenido idénticamente igual a sí misma, sino la posición única y razonada de cada partícipe, la verdad de su deber ser concreto y real”.

14 Sobre *Para uma filosofia do ato*, ver Sobral (2019), que propõe um roteiro comentado de leitura.

devir. Há, portanto, uma impossibilidade de descrição integral do ato, pois, ao se falar sobre um objeto, de um lugar único, entra-se em uma relação comprometida, não indiferente, em que a palavra, impregnada de entonação, revela a atitude avaliativa do sujeito sobre o objeto, que, na unidade do evento, manifesta a tensão com outros sujeitos, discursos e sentidos.

Como observa Faraco (2009, p. 49), “o real nunca nos é dado de forma direta, crua, em si [...]”, pois “o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, quando semioticizado”, sendo que os signos pressupõem uma dimensão axiológica, indicando que “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” e refrações. Do mesmo modo, de acordo com Bakhtin (2015, p. 48-49), em *O discurso no romance*, “todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido [...]”, revelando a entrada em um “meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios”: “entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros”. Por isso, o enunciado

[...] não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 2015, p. 48-49).

O discurso surge, assim, a partir da interação dinâmica e tensa com a palavra do outro. Nessa esteira, na relação entre o ato da verbalização e o ato a ser verbalizado, por exemplo, entram em embate centros de valores, portanto diferentes pontos de vista, diferentes tons emotivo-volitivos, diferentes referências espaço-temporais (cronotopos), diferentes projetos enunciativos, o que mostra a alteridade constitutiva, a impossibilidade de coincidência. O objeto das ciências humanas, afirma Bakhtin (2003e, p. 395), em *Metodologia das ciências humanas*, “é o ser expressivo

e *falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inescotável em seu sentido e significado”¹⁵.

A singularidade do ser e do ato ético responsável e responsivo, em suas múltiplas inter-relações, põe em relevo o princípio da alteridade que está no “coração da especificidade humana”, para usar as palavras de Amorim (2007, p. 22-23). Para a autora, o discurso humano assim como os sentidos, nessa perspectiva, estão sempre se alterando em relação ao *outro*, o que confirma o ponto de vista bakhtiniano de que não há coincidência entre sujeitos, discursos e sentidos. A radicalidade da singularidade humana circunscreve-se no discurso e nos sentidos, uma vez que, por mais repetida que seja uma estrutura linguística, o discurso e o sentido serão outros, pois não estão na materialidade repetível, mas sim no evento do ato enunciativo. Nessa perspectiva, a relação de alteridade pressupõe tensão entre diferenças, que não se fundem, mas se multiplicam ao infinito, fazendo brotar a tensão entre o repetível e irrepetível, o mesmo e o outro, a estabilidade e a variabilidade.

Faraco (2011, p. 24) observa que a obra de Bakhtin, em especial *Para uma filosofia do ato responsável*, apresenta as bases de uma “complexa **filosofia da alteridade**” e que as reflexões sobre o “princípio criativo fundamental” vão além de uma abordagem estritamente estética, abrangendo reflexões sobre a vida que “fundamentam sua filosofia geral: a singularidade de cada um, a alteridade, a interação”. Tais observações remetem às posições axiológicas únicas de cada participante da arquitetura concreta, cujo ato responsável, constituído na relação com o *outro*, se orienta pela singularidade e irrepetibilidade de cada lugar ocupado (BAKHTIN, 2010).

A alteridade acentua a relação da diferença, da não coincidência, do irrepetível, considerando a centralidade ativa, participante,

15 Discutimos com detalhes, em Di Fanti (2012), a questão da verbalização do ato, a sua importância e a impossibilidade de repetição e de coincidência.

cujo não-álibi no ser é singularizado pelo tom emotivo-volitivo sempre em relação ao *outro* concreto: “o *eu* como ser no mundo sem álibi, como responsabilidade é tal em relação ao *outro*”. Para Ponzio (2016, p. 265-266), por conseguinte, a “arquitetônica da responsabilidade” deve ser compreendida como “*arquitetônica da alteridade*”, uma vez que “o eu revela-se na sua unicidade, na individualidade, e na sua alteridade, como outro, porque essa sua alteridade objetivamente realiza-se na relação com o outro”.

A relação *eu* e *outro* mostra um ser singular, em processo, inacabado:

Eu amo o outro, mas não posso amar a mim mesmo, o outro me ama, mas não ama a si mesmo; cada um tem razão no seu próprio lugar, e tem razão não subjetivamente mas responsavelmente. Do meu lugar único, somente eu-para-mim-mesmo sou eu, enquanto todos os outros são *outros* para mim (no sentido emotivo-volitivo do termo) (BAKHTIN, 2010, p. 104).

O ato, por consequência, é condicionado pelo lugar único ocupado: “o meu ato (e o sentimento como ato) se orienta justamente sobre o que é condicionado pela unicidade e irrepetibilidade do meu lugar” (p. 104).¹⁶ Assim, sob o enfoque da relação *eu* e *outro* como centros axiológicos diferentes, interdependentes, que ocupam lugares únicos, resultantes da sua ímpar experiência, Bakhtin (2010, p. 62) discorre sobre dois momentos inseparáveis da contemplação, a empatia e a exotopia. Nesse processo, cada um tem excedente de visão único, condicionado pela singularidade do lugar ocupado, que permite que se veja no *outro* o que ele próprio não consegue ver. A empatia consiste na aproximação ao *outro* de modo a reconhecê-lo e/ou colocar-se, mesmo que provisoriamente no seu lugar, já a exotopia diz respeito ao distanciamento

16 Bajtin (1997b, p. 140), observando a não coincidência entre pontos de vista e a sua impossibilidade de fusão, refere-se a um “eterno litígio no processo da autopercepção do ‘eu’ e do ‘outro’”.

necessário para a produção do conhecimento. Nesse movimento, não há empatia pura, pois seria “a coincidência com o outro”, a perda do lugar único na singularidade do ser, impossível para essa perspectiva que considera todo ser insubstituível. A exotopia é o momento em que se constrói conhecimento sobre o *outro* a partir do que foi visto junto dele em articulação ao que se vê a distância, a partir de uma posição axiológica única.

Há, pois, um excedente de visão singular que é afetado pela relação com o *outro*:

Quando contemplo no todo um [indivíduo] situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele (BAKHTIN, 2003a, p. 21).

Essa reflexão, desenvolvida em *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, 2003a, p. 21), reitera a posição ativa, a singularidade e insubstituibilidade de cada um: “Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos”.¹⁷ É um ativismo exclusivo em relação ao *outro*, que de um lugar único, passando pela empatia e pela exotopia, faz emergir um excedente de visão, de conhecimento, de vontade e de sentimento que “complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a [sua] originalidade” (BAKHTIN, 2003a, p. 23).

O caso ilustrado por Bakhtin no que tange à relação *eu e outro*, em que o *outro* é um indivíduo sofrendo, ajuda na compreensão da

17 *O autor e a personagem na atividade estética*, escrito entre 1922-1924 (BAKHTIN, 2003a), integra a obra póstuma *Estética da criação verbal* (1979).

reflexão em pauta. O primeiro momento da atividade estética (e aqui consideramos em sentido amplo para a vida) é a compenetração, em que o *eu* deve vivenciar o que o *outro* vivencia, aproximando-se do horizonte vital concreto desse indivíduo, ainda que falte uma série de elementos que não são acessíveis de outro lugar. O sofredor, por sua vez,

[...] não vivencia a plenitude da sua expressividade externa, ele só vivencia parcialmente [...] ele não vê a tensão sofrida dos seus músculos, toda a pose plasticamente acabada do seu corpo, a expressão de sofrimento do seu rosto, não vê o céu azul contra o qual se destaca para mim sua sofrida imagem externa (BAKHTIN, 2003a, p. 24).

Ainda que o sofredor se olhe no espelho, por exemplo, não disporá de um enfoque volitivo-emocional de um contemplador, um olhar exotópico, sobre os elementos observados no espelho. Ele, por um lado, necessita do contemplador, desse movimento de aproximação. O contemplador, por outro, deve retornar a si mesmo, ao seu lugar fora do sofredor, uma vez que apenas do exterior “o material de compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos, ou estéticos”. Se o contemplador (*eu*) ficasse junto do *outro* (sofredor) e não retornasse ao seu lugar, ocorreria o que Bakhtin (2003a, p. 24) designa como “fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como [seu] próprio sofrimento”. A compenetração, portanto, no caso em foco, diz respeito à vivência dos sofrimentos do *outro* como *dele*, por isso a reação ao *outro* “não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda”. Logo, para se ter uma compenetração eficaz que gere conhecimento ético e estético, faz-se necessário “relacionar ao outro o vivenciado”.

A atividade estética propriamente, para Bakhtin (2003a, p. 25), começa quando o *eu* retorna para si mesmo e para seu lugar, fora da pessoa que sofre, quando enforma e dá acabamento ao material

da compenetração. Esse processo ocorre pelo preenchimento do sofrimento de um dado indivíduo por elementos transgredientes à consciência sofredora, que lhe dão *acabamento* (postura corporal, tons emotivo-emocionais etc.). Os valores que concluem a imagem do *outro* são extraídos do excedente de visão.

Em *De los borradores*, Bakhtin (1997b, p. 145) discute também o caráter do excedente de visão e da não coincidência de pontos de vista.¹⁸ Nesse sentido, trata da exotopia como a condição de excedente, como “exotopia conclusiva”, já que “um todo *completo* não pode ser visto do seu interior, mas apenas do seu exterior”¹⁹. Essa totalidade, nas diferentes relações empreendidas, pressupõe o inacabamento constitutivo:

[...] para viver preciso ser inacabado, aberto para mim – ao menos em todos os momentos essenciais –, preciso ainda me antepor axiologicamente a mim mesmo, não coincidir com a minha existência presente (BAKHTIN, 2003a, p. 11).

Na própria autobiografia, por exemplo, “o autor deve colocar-se à margem de si; vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida; só sob essa condição ele pode completar a si mesmo”. Desse modo, “deve tornar-se *outro* em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro”. No que se refere à vida, reflete Bakhtin (2003a, p. 13), “avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência”.

Os elementos transgredientes, conforme Todorov (1981, p. 146), referem-se a “elementos da consciência que são exteriores a ela, mas, no entanto, indispensáveis para seu acabamento, para a sua

18 *De los borradores* (BAKHTIN, 1997b) é composto por textos escritos entre 1940 e 1960, que só vieram a público em 1992 na Rússia.

19 No original: “Un todo *concluido* no puede ser visto desde el interior, sino tan sólo desde el exterior”.

constituição na totalidade”.²⁰ Nessa perspectiva, é assinalada a importância do papel do *outro* na realização da consciência individual, em sua constituição dialógica, já que é o *outro* que desencadeia a percepção de si, que se realiza apenas parcialmente pelo próprio indivíduo.²¹

Todorov (1981, p. 145), em *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*, ao referir-se ao ensaio *O autor e a personagem na atividade estética*, publicação que recém teria tido acesso (antes da publicação dos manuscritos de *Para uma filosofia do ato*²²), ressalta a centralidade do conceito de alteridade na estética teórica e na “filosofia moral”. O último capítulo da sua obra, intitulado “Antropologie philosophique”, é organizado em torno de ideias sobre a alteridade (em relação ao psiquismo, à criação artística e à interpretação), consideradas por Todorov como a chave do conjunto do pensamento bakhtiniano.

A expressão “esboço de antropologia filosófica”, utilizada por Bakhtin em *Apontamentos de 1970-1971* (2003b, p. 382-383), embora seja seguida de reflexões não desenvolvidas, uma vez que compõem manuscritos não finalizados para publicação, introduz uma série de anotações que assinalam um diálogo claro com a questão da alteridade já levantada nos textos do início da década de 1920, como *Pour une philosophie de l'acte* (BAKHTINE, 2003) e *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, 2003a):

Minha imagem de mim mesmo. Qual é a índole de mim mesmo, do meu *eu* em seu todo? Em que ele

20 No original: “[...] des éléments de la conscience qui lui sot extérieurs mais néanmoins indispensables à son parachèvement, à sa constitution en totalité”. A palavra “transgrediente”, conforme Todorov (1981, p. 146), foi tomada emprestada por Bakhtin da estética alemã, como um sentido complementar a “ingrediente”.

21 Para Bakhtin (2003c), a consciência tem natureza dialógica, própria da vida humana.

22 *Para uma filosofia do ato* veio a público em 1986, portanto, depois da publicação de Todorov (1981).

se distingue essencialmente da minha concepção do *outro*? A imagem do eu ou o conceito, ou o vivenciamento, a sensação etc. [...] O que compreendo por *eu* quando falo e vivencio: “eu vivo”, “eu morro” etc. (“eu sou”, “eu não existirei”, “eu não existi”). *Eu-para-mim* e *eu-para-o-outro*, o *outro-para-mim*. O que em mim é dado imediatamente e o que é dado apenas através do outro [...] A mim não são dadas as minhas fronteiras temporais e espaciais, mas o outro me é dado integralmente. Eu vivo em um mundo espacial, neste sempre se encontra o outro. As diferenças de espaço e tempo do *eu* e do *outro* [...].

Tais considerações, que problematizam a relação *eu* e *outro*, bastante caras à teoria bakhtiniana, são desenvolvidas em outras partes de *Apontamentos* (BAKHTIN, 2003b, p. 373-374), salientando a necessidade do olhar axiológico do *outro*, do tom emotivo-volitivo do *outro*. Isso se observa, por exemplo, pelo próprio fato de se tomar consciência de si mesmo através do *outro*:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo [...].

O reconhecimento da necessidade do *outro* também aparece em *El hombre ante el espejo*, texto de 1943, publicado em *De los borradores* (BAJTIN, 1997b, p. 147): “Eu não vejo o mundo com meus próprios olhos e do meu interior, mas me vejo com os olhos do mundo; estou possuído pelo outro”.²³ Tal abordagem sinaliza duas questões importantes: uma delas é que o indivíduo “nunca coincide consigo mesmo” (BAKHTIN, 1997, p. 59); a outra questão

23 No original: “Yo no miro al mundo a mis propios ojos y desde mi interior, sino que yo me miro a mí mismo con los ojos del mundo; estoy poseído por el otro”.

diz respeito à importância imperativa de um ponto de vista extrínseco, um tom emotivo-volitivo externo.

De acordo com Bakhtin (2003c, p. 341, 355), em *Reformulação do livro sobre Dostoiévski*, “eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro”, sendo que os “atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinados pela relação com outra consciência (com o tu)”.²⁴ Importa, nesse processo, a fronteira, o limiar, entre o *eu* e o *outro*. Essa reflexão implica o *eu-para-mim*, o *eu-para-o-outro* e o *outro-para-mim*, em que o *eu* não se funde com o *outro*, mas mantém “posição própria na distância e no *excedente* de visão e compreensão a este relacionado”.

Essas reflexões pressupõem a alteridade e o dialogismo como constitutivos das relações humanas. Para Bakhtin (2003c, p. 348), “a vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc.”. Nesse diálogo, o sujeito “participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos”. A linguagem, desse modo, em suas manifestações verbais e não verbais, é dialógica, heterogênea, e “entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal”. Há um “diálogo inconclusível”, que não permite o fechamento do pensamento e da vida. A palavra, sob esse enfoque, tem natureza dialógica, nasce do diálogo e com ele se nutre. Por isso, podemos falar da natureza dialógica da linguagem, do discurso. Nada é isolado. A palavra responde a outras palavras e quer ser ouvida, respondida e reapreciada.

Volóchinov (2017, p. 219-220), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, nessa perspectiva, observa que o discurso “participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde,

24 Em *Reformulação do livro sobre Dostoiévski* (1961-1962), Bakhtin (2003c) se dedica a aperfeiçoar o livro de 1929 para uma nova edição: *Problemas da poética de Dostoiévski*, publicada em 1963.

refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio [...]”. Todo enunciado é apenas um momento, um elo, na cadeia de comunicação discursiva, que é ininterrupta. Esse elo integra a interação discursiva concreta e a situação extraverbal, que são partes necessárias de sua constituição e de seu sentido.

A compreensão do discurso como “a língua em sua integridade concreta e viva”, um fenômeno complexo e multifacetado, que é por natureza dialógico, leva Bakhtin (1997, p. 181), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, a propor a metalinguística, ou translinguística (no dizer de Todorov, 1981, p. 42), como o estudo dos “aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística [do sistema]”. A translinguística, embora não ignore a linguística, devendo com ela “completar-se mutuamente”, mas não fundir-se, tem como objeto as relações dialógicas, que “são irredutíveis às relações lógicas [...] que *por si mesmas* carecem de momento dialógico” (BAKHTIN, 1997, p. 183).

As relações dialógicas, de acordo com Bakhtin (1997, p. 184-185), “são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado, inclusive a uma palavra isolada”. Isso acontece quando a palavra é entendida como enunciado, tem autor, acento valorativo e reverbera a voz do outro. A translinguística, ao estudar as relações dialógicas, volta-se para o exame do “*discurso bivocal*, que surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da palavra”. Em todo fenômeno expresso por “matéria *sígnica*”, há relação dialógica.

Há também alteridade e ideologia, pois, como entende Volóchinov (2017, p. 94), o “*material sígnico*” é oriundo de um território interindividual de sujeitos socialmente organizados: “o *caráter sígnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos*” (p. 94). Todo signo, desse modo, é ideológico, ele não só

reflete mas também refrata a existência, o que significa que há um cruzamento de ênfases multidirecionadas, um cruzamento de acentos, que o transforma em palco de luta de classes.

A matéria sýnica, portanto, é também dialética. O signo ideológico possui uma *dialética interna* que o torna vivo e mutável, capaz “de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113-114). Como observamos nas reflexões sobre o ato ético responsável, o signo ideológico também é associado ao Jano bifronte, devido ao fato de ter duas faces: “qualquer xingamento vivo pode se tornar um elogio, qualquer verdade viva deve inevitavelmente soar para muitos como uma grande mentira”.

É na linguagem que o caráter sýnico se expressa em sua plenitude. Na relação *eu* e *outro*, a palavra constitui-se como “*o fenômeno ideológico par excellence*”, impregnada de acentos valorativos, oriundos das interações sociais, em que o locutor se posiciona em relação ao interlocutor a partir de um projeto enunciativo. Como signo ideológico, enunciado concreto, discurso, a palavra pronunciada por um único indivíduo “é um produto da interação viva das forças sociais”, reverberando a interpenetração dialética do psiquismo (discurso interior) e da ideologia na singularidade heterogênea do ato enunciativo. Logo, toda palavra “é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98, 140).

O meio ideológico, pondera Medviédev (2012, p. 57, 183), em *O método formal nos estudos literários*, “é sempre dado no seu vir a ser dialético vivo”, cujas contradições não cessam de reaparecer. O enunciado concreto, nessa perspectiva, “é um ato social” e, ao mesmo tempo, “é uma parte da realidade social”, em que interage reagindo a algo e voltando-se para uma resposta no evento comunicativo. As avaliações sociais que perpassam o enunciado “penetram-se mutuamente e estão ligadas de forma dialética”, por isso a

necessidade de conhecer a “atmosfera axiológica e sua orientação avaliativa no meio ideológico”, também compreender o contexto da sua contemporaneidade, o sentido construído, o conteúdo do ato, a realidade histórica do ato. Para tanto, seguindo Medviédev (2012, p. 185), devemos observar a entonação expressiva, que “dá cor a cada palavra do enunciado”, ao sentido, à integridade individual, articulando a materialidade verbal à situação concreta e à singularidade histórica.

O enunciado, a partir do conjunto da reflexão, compreendido como ato ético responsável e responsivo, é inesgotável. Nele podemos observar, dentre outras características, aspectos da alteridade, do dialogismo e da dialética. A compreensão desse ato implica uma participação responsável, em que o contemplador, na atividade de compreensão, compreenda seu dever em relação ao objeto, a atitude ou posição a ser tomada em relação a ele (BAKHTIN, 2010). Essa posição responsiva ativa pode ser associada à discussão empreendida por Bakhtin (2017, p. 19), em “A ciência da literatura hoje”: “um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas”. Nesse processo, continua o filósofo russo:

[...] colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido.

Com esse espírito, o Grupo GenTe – Tessitura: Vozes em (Dis)curso – vem tecendo as discussões com seus pesquisadores. Na relação *eu* e *outro*, em busca dos sentidos, questionamentos e interrogações vão sendo cunhados para a construção do conhecimento. Sob esse enfoque, a partir dos encontros de pesquisa realizados em 2019 e das leituras efetuadas, o Grupo GenTe propôs

a organização de um encontro maior, uma jornada de estudos para debater pesquisas em desenvolvimento ou concluídas. O Seminário **Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética**, que dá título a essa coletânea, foi realizado, em novembro de 2019, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e contou com um número expressivo de pesquisadores da PUCRS e de outras instituições de ensino e pesquisa²⁵.

A heterogeneidade das investigações apresentadas e postas em discussão proporcionou o desejado encontro de culturas e o levantamento de questões, próprias e do *outro*, de que fala Bakhtin (2017, p. 19): “Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro, do alheio, ou do modo criativo”. As diferentes culturas precisam se encontrar. É, na tensão do encontro de culturas, “que não se fundem nem se confundem”, que “cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*”, mas que “se enriquecem mutuamente”.

Com o foco no levantamento de questões e no encontro dialógico de culturas, de modo a abrir para novas perguntas e buscar novas respostas, os textos publicados neste livro respondem a um ou mais eixos centrais do debate – alteridade, dialogismo e dialética – em articulação com seus objetos de reflexão²⁶. Propondo uma

25 Como o título desta obra indica, as reflexões desenvolvidas giram em torno das ideias do Círculo de Bakhtin. Nesse sentido, é importante destacar que Bakhtin (1895-1975), por ter vivido mais do que Volóchinov (1895-1936) e Medviédov (1891-1938), pôde dar continuidade às suas reflexões, bastante convergentes com as ideias do grupo, o que permite que se considere como do Círculo de Bakhtin o conjunto das produções, para além dos encontros entre 1919 e 1929, independentemente, portanto, da data de escrita e de publicação (BARBOSA; DI FANTI, 2020). Destaca-se também que o **Seminário Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética**, realizado em 2019, reverencia os 90 anos de duas importantes obras do Círculo: *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov, e *Problemas da criação de Dostoiévski* (que dá origem a *Problemas da poética de Dostoiévski*, de 1963), de Bakhtin.

26 Para Bakhtin (2003e, p. 401), “o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”.

reflexão teórica, Daniela Cardoso busca uma aproximação entre Adorno e Bakhtin para tratar do enunciado concreto a partir de um ponto de vista marxista. Thomas Rocha, por sua vez, pondera sobre a construção da identidade discursiva em nota de repúdio. O tema linguagem e trabalho é focalizado em diferentes dimensões: Maíra da Silva Gomes reflete sobre a invisibilidade do trabalho docente; Gislene Feiten Haubrich discute sobre o *coworking* a partir da noção de gêneros do discurso e Márcia Cristina Neves Voges desenvolve uma reflexão acerca das valorações que circulam nas mídias sobre o ensino a distância. No que diz respeito a pesquisas sobre a mulher, Débora Luciene Porto Boenavides dedica-se a estudar a gênese do código linguístico feminista brasileiro na mídia impressa; Kelli da Rosa Ribeiro questiona de que forma padrões de beleza imputados à mulher são polemizados em ilustrações artísticas e Luciane Alves Branco Martins analisa a construção discursiva da imagem da mulher em discursos intolerantes nas redes sociais. A discriminação racial é discutida por Camila Franz Marquez e Nessana de Oliveira Pereira. Graziella Steigleder Gomes, por sua vez, problematiza o discurso cômico-preconceituoso. O embate dialógico entre as posições do governo brasileiro e a Base Nacional Comum Curricular é posto em discussão por Norberto Niclotti Catuci. Cristiano Sandim Paschoal investiga traços sobre o nazifascismo no Brasil atual. Luciana Saratt, por seu turno, analisa refrações da camiseta da seleção brasileira. Giselle Liana Fetter desenvolve estudo sobre a visão dominante da divulgação científica. O relato pessoal é objeto de pesquisa de Marta Maria da Silva Moreira, e o conceito de gêneros do discurso é investigado por Verônica Franciele Seidel.

Este conjunto de reflexões, recuperando a ideia do encontro dialógico de culturas, põe em destaque o acontecimento da interação com a palavra do *outro* e, conseqüentemente, o enriquecimento das pesquisas e das reflexões abertas para o debate. Com isso, instaura o “*diálogo inconcluso*”, a “*expressão verbal* da autêntica

vida do [sujeito]”, que, como entende Bakhtin (2003c, p. 348, 31), é marcada pela interdependência entre o *eu* e o *outro*. Nesse processo relacional, “ser significa *conviver*”. Mais ainda, “ser significa ser para o outro e, através dele, para si”, retomando a epígrafe que abre esta reflexão e que é muito cara aos organizadores desta publicação, cujos temas são tão pujantes e necessários.

Referências

AMORIM, M. *Raconter, démontrer,... survivre*. Formes de savoirs et de discours dans la culture contemporaine. Paris: Édition Érès, 2007.

BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Tradução de Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997a.

BAJTIN, M. De los borradores (1943). In: BAJTIN, M. *Hacia una filosofía del acto ético*. De los borradores y otros escritos. Tradução de Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997b, p.138-180.

BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) (1970). In.: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. O discurso no romance (1930-1936). In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 19-242.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924/1986). Tradução de Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética (1922-1924). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, p. 3-192.

BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, p. 367-392.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski (1961-1962). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003c, p. 337-357.

BAKHTIN, M. *Arte e responsabilidade* (1919). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003d, p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas (1974). In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal* (1979). Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003e, p. 393-410.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963). Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BAKHTINE, M. *Pour une philosophie de l'acte* (1920-1924/1986). Tradução de Ghislaine C. Bardet. Paris: Editions L'Age d'Homme, 2003.

BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. G. C. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volóchinov e Medviédev. In: Décio Rocha; Bruno Deusdará; Poliana Arantes; Morgana Pessoa (org.). *Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política*. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 174-192.

DI FANTI, M. G. C. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. *Desenredo*, v. 8, n. 1, p. 309-329, 2012.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, v. 46, n. 1, p. 21-26, 2011.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica* (1928). Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PONZIO, A. *No Círculo com Mikhail Bakhtin*. 2. ed. Tradução de Valdemir Miotello, Hélio M. Pajeú, Carlos A. Turati e Daniela M. Mondardo. São Carlos: Pedro & João, 2016.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924/1986). Tradução de Valdemir Miotello e Carlos A. Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 9-38.

SOBRAL, A. *A filosofia primeira de Bakhtin: roteiro de leitura comentado*. São Paulo: Mercado das Letras, 2019.

TODOROV, T. *Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Seuil, 1981.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929). Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.